

*POR UMA SOCIOLINGUÍSTICA ROMÂNICA "PARAMÉTRICA":
FONOLOGIA E SINTAXE*

Fernando Tarallo
IEL-UNICAMP

Resumo

O presente ensaio busca sintetizar, no sentido de "capitalizar", parte do saber teórico acumulado pela teoria da variação e da mudança lingüísticas, tal qual proposta por Labov, em relação ao grupo românico ocidental de línguas, dentro da fonologia e da sintaxe. Os resultados obtidos a partir das análises do francês canadense, do espanhol das Américas e do português do Brasil recebem, por sua vez, uma leitura "parametrizada", buscando-se aproximar esse saber teórico da variação e da mudança às conquistas do modelo paramétrico, recentemente emergente na sintaxe chomskiana. Neste sentido, o ensaio procura demonstrar a compatibilidade entre as análises propostas pelo paradigma laboviano e pelo quadro teórico chomskiano.

Abstract

This essay tries to sum up, in the sense of "capture", part of the theoretical knowledge accumulated by the theory of language variation and change, as proposed by Labov, on the West Romance group of languages, both in phonology and syntax. The results obtained from the analyses of Canadian French, Spanish in the Americas, and Brazilian Portuguese are then "parametrically" considered in the light of the theoretical knowledge to be found in the recently developed parametric model, as proposed by Chomsky. To that end, the present essay tries to demonstrate how compatible the analyses developed by either the Labovian paradigm or the Chomskian framework can be.

1. PARAMETRIZANDO PARÂMETROS: INTRODUÇÃO

Embora a noção de parâmetros em sintaxe ainda esteja em plena infância, várias propostas para a formulação de um modelo sintático paramétrico têm sido feitas, todavia embrionariamente, nos últimos anos. Assim, algumas células desse novo modelo já hviam sido lançadas em Kean (1975) em seu estudo sobre sistemas fonológicos marcados e não-marcados, mas o modelo começa a tomar forma somente a partir da década de 80: em um longo artigo de Kayne (1981) em que o francês e o inglês são parametrizados em função da possibilidade de marcação de caso e de stranding de preposição nos dois sistemas; em Rizzi (1982) em que se propõe que a seleção de nós cíclicos pode ser parametrizada a fim de dar conta da variação lingüística inter-sistêmica; em Safir (1982) em que se postula um sistema paramétrico, explanatório da distribuição de fenômenos pro-drop e dos efeitos de "definição"/indefinição" nas posições pós-verbais, entre outros tantos estudos e análises. Segundo Borer (1983, p. 254):

"Unlike our own work, these studies do not offer a general parametric model. Nevertheless they are valuable contributions towards the understanding of interlanguage variation. We hope that future research will incorporate the significant results of these studies in a restricted model of parametric syntax."

Três grandes "entradas lexicais" (para me valer aqui da terminologia chomskiana sobre o léxico) ressaltam aos olhos no texto de Borer: as duas primeiras (isto é, "um modelo paramétrico geral", "*a general parametric model*", que seja, ao mesmo tempo, "restrito", "*a restricted model of parametric syntax*") herdam da tradição chomskiana mais pura seus pressupostos mais básicos, fundamentais e essenciais; a terceira, no entanto, (ou seja, "a compreensão dos mecanismos que regulam a variação lingüística inter-sistêmica", "*the understanding of interlanguage variation*") desponta como componente inovador (embora longe de ser pioneiro, conforme demonstraremos no presente ensaio) na investigação lingüística praticada e levada a cabo por essa vertente.

O título do livro de Borer, Parametric Syntax. Case Studies in Semitic and Romance Languages, em si e por si só carrega uma enorme responsabilidade: a de estabelecer, sistematizar e viabilizar um modelo que seja ao mesmo tempo geral/genera-

lizante e restrito/restritivo, e que dê conta da variação lingüística inter-sistêmica. Assim é que dois eixos principais norteiam a concepção do livro: de um lado, apresentar uma teoria restritiva de variação inter-lingüística via sintaxe paramétrica e de outro, ilustrar a força descritiva e explanatória do modelo a partir de uma análise de construções com clíticos nas línguas semíticas e nas línguas românicas, uma análise que, segundo a autora, propiciaria o entendimento de "*a wide range of variation between languages*" (isto é, "um amplo leque de variação entre as línguas", p. 251).

O marco inicial desse modelo paramétrico na sintaxe remonta, por sua vez, aos pressupostos teóricos da regência e vinculação, delineados em Chomsky (1981, 1982): a noção de sub-sistemas e sub-teorias, de princípios gerais e abstratos, e, quase que primordial e ulteriormente, a interação criteriosa entre tais conjuntos e princípios. Não é minha intenção aqui abrir espaço para mais uma rerepresentação do modelo sintático chomskiano. O leitor interessado encontrará em Radford (1982)¹, Sells (1985) e Lobato (1986), entre outros, orientações sobre esse modelo de gramática. Para os propósitos mais imediatos do presente ensaio, considerando-se a falta de uma definição e de uma conceituação mais precisa e menos vaga sobre os parâmetros em sintaxe, basta retomarmos um dos pressupostos básicos ao modelo sintático paramétrico: a existência de parâmetros variáveis na gramática universal chomskiana é um pressuposto a partir do qual se compatibilizam, de um lado, a hipótese da gramática universal inata e de outro, a diversidade das línguas existentes. Tentativamente, parâmetros poderiam ser definidos como conjuntos de propriedades delimitadoras e diferenciadoras de sistemas lingüísticos diversos. Como a literatura sintática em geral pressupõe a definição e a conceituação de parâmetros, valer-nos-emos de um exemplo: um dos primeiros parâmetros estabelecidos na e pela literatura, o parâmetro pro-drop (ou o parâmetro do sujeito nulo). Tal parâmetro tradicionalmente inclui o seguinte conjunto de propriedades:

1. sujeito pronominal vazio
2. inversão livre de sujeito
3. longo movimento do sujeito
4. violação do filtro that t (no sentido de Chomsky e Lasnik, 1977).

Assim, de acordo com esse parâmetro, uma categoria va-

zia é permitida na posição (NP, S) nas línguas de tipo pro-drop e bloqueada nas de tipo não-pro-drop. O hebraico (Borer, 1983), o espanhol (Jaeggli, 1982) e o italiano (Rizzi, 1982), por exemplo, por permitirem categorias vazias nessas posições, se diferenciam do inglês e do francês que, por sua vez, ao bloquearem, via de regra, categorias vazias, configuram uma segunda "família" lingüística (empréstimo, nesse momento, o conceito de "árvores de família" de Schleicher (1871) precisamente para contrapor a relação genética prevista para as línguas nesse modelo à ausência e à não prioridade de "laços" históricos entre as línguas, presentes naquele, o dos parâmetros).

Assim como o parâmetro pro-drop, outros tantos já se encontram estabelecidos na literatura, sempre com o mesmo objetivo de fomentar nosso entendimento e conhecimento sobre a variação lingüística inter-sistêmica. Paralelamente ao estabelecimento de novos parâmetros, os primeiros passam por refinamentos à medida que dados trans-lingüísticos e diacrônicos mais e mais interessam à teoria sintática (Cf. Huang, 1982; Jaeggli, 1984; Travis, 1984; Chomsky, 1986, para citar apenas alguns). Fundamentalmente, a busca, o estabelecimento, o refinamento e a fixação de parâmetros procuram respostas específicas e urgentes às seguintes questões que retomo a partir do texto "programático" de Borer (1983, p. 2):

"What is the source of parametric variation: which component of the grammar will assume the burden of delimiting the universal principles so as to generate the wide variety of existing grammars? What will determine the parametric range?"

Se desconsiderarmos por um momento o componente social² da linguagem, tão presente nos estudos de variação e de mudança lingüísticas, veremos uma nítida relação entre as questões formuladas acima e alguns dos princípios estabelecidos pela sociolingüística (variação e mudança) no texto clássico de Weinreich, Labov e Herzog (1968), a saber: o princípio das restrições ("constraints" no texto original), segundo o qual a análise deverá permitir o elencamento de conjuntos de possíveis mudanças (e, por extensão, de possíveis variações sem projeção de mudanças) e de possíveis condições de mudanças que possam ocorrer em uma estrutura de um determinado tipo; o princípio do encaixamento que capitaliza, via análise, de um lado o enraizamento e a po

sição das mudanças (e/ou variações) observadas na matriz de concomitantes lingüísticos das formas em questão e de outro, a associação dessas mesmas mudanças (e/ou variações) a outras, de forma não casuística; e o princípio da implementação (no original, "actuation" segundo o qual a análise deve explicitar os fatores envolvidos na implementação de mudanças (e/ou variações) e o porquê de certas mudanças acontecerem somente em uma dada língua em um momento determinado, mas não em outras línguas com a mesma descrição estrutural do item, ou na mesma língua em outros momentos (Cf. Weinreich, Labov e Herzog, 1968, p. 101-2 e 183-7). Evidentemente, os pressupostos teóricos e os procedimentos metodológicos de um e de outro modelo são radicalmente opostos: não se trata, pois, de romper fronteiras e confundir domínios no sentido de "parametrizar" (ou de eliminar) diferenças, mas, sobretudo, de enfatizar a complementaridade entre os modelos naquilo que eles permitem (ou permitirem) compatibilizar resultados em relação àquelas questões levantadas por Borer de um lado, e por Weinreich, Labov e Herzog, de outro, resultados esses que estão muito mais próximos do que normalmente se pensa, se aceita e/ou se pensa aceitar.

"Tal complementaridade não tem 'parâmetros' (= sentido)!" "Tal proposta está fora de 'parâmetro' (= fora de órbita; fora de cogitação)!", alguns poderiam reagir. De fato, as diferenças teóricas e metodológicas entre os dois modelos estão polarizadas ao extremo: de um lado, o racionalismo do modelo sintático paramétrico permite produzir generalizações; de outro, o cunho empirista da teoria da variação e da mudança somente resulta, aos olhos do crítico ingênuo, um acúmulo de números, porcentagens e probabilidades cujo alcance fica restrito a estudos de casos particulares. A coisa não é bem assim!³ Salientamos acima, através do texto de Borer (1983, p. 254), a inovação do modelo sintático paramétrico através da incorporação de uma nova dimensão de análise: a variação lingüística inter-sistêmica. Ressaltaremos e argumentaremos no presente ensaio que, apesar de a teoria da variação (e da mudança) lingüística se ater quase que exclusivamente à variação intralingüística, uma leitura e análise criteriosa de dados translingüísticos e/ou diacrônicos, cujos resultados tenham sido obtidos a partir do exame de vários sistemas lingüísticos via teoria da variação e da mudança (do grupo românico ocidental, por exemplo), podem produzir generalizações, menos "indutivas" e mais "dedutivas" e mais "ao sabor" dos princípios previstos em um modelo paramétrico de sintaxe.

É o que faremos nas duas partes seguintes deste ensaio: com base em análises já realizadas sobre o francês canadense, o espanhol das Américas e o português brasileiro, de vertente variacionista, demonstraremos o poder explanatório da teoria da variação e da mudança em relação à busca do entendimento e do conhecimento sobre a variação lingüística inter-sistêmica. Na primeira parte serão apresentados resultados obtidos através do exame detalhado de variáveis fonológicas nas três línguas, ressaltando aqueles que mais abstratamente (no sentido de "mais generalizavelmente") projetam princípios de variação e de mudança fonológicas. Tais princípios ou "pistas" (leia-se também "coincidências?") são, na realidade, momentos em que a sociolingüística é "parametrizável": as línguas, em seu processo de variação e de mudança, podem variar e mudar mais frequentemente em uma direção que em outra; muito raramente variam e mudam em uma terceira direção; ou, mais fatalisticamente, nunca variam ou mudam em uma quarta direção. Similarmente, na segunda parte do ensaio, serão examinados os resultados obtidos a partir de análises de variáveis sintáticas nas três línguas, salientando, mais uma vez, a configuração de "parâmetros" e de princípios mais gerais a partir do exame probabilístico de dados empíricos.

Cabe nesse momento uma ressalva: o argumento central do presente ensaio ganharia mais força e peso se o paralelo entre a sintaxe paramétrica e a sociolingüística "paramétrica" se restringisse única e exclusivamente ao exame de variáveis sintáticas. Dada, entretanto, a imensa quantidade de estudos sobre variação e mudança fonológicas, e considerando-se que a capitalização dos resultados desses estudos via de regra se concentra ao nível intralingüístico, optamos por incluir uma leitura "paramétrica" desses trabalhos como parte de nosso argumento.

Feita a ressalva, e antes de iniciarmos nosso percurso por uma sociolingüística românica "paramétrica", faremos, ainda a título de introdução e de ilustração, uma leitura "paramétrica" de um texto de Labov sobre a mudança fonológica: "Resolving the neogrammarian controversy", publicado em 1981 pela revista Language, volume 57, nº 2.

Nesse texto de 1981 Labov contrapõe dois modelos alternativos para a explicação da mudança fonológica. Um deles, mais sedimentado na tradição da lingüística histórica, já contava, na época em que a controvérsia foi resolvida, com 103 anos de idade. Os pressupostos básicos sobre a mudança fonológica, delineadores desse modelo, haviam sido claramente expostos em um manifesto de

1878, por dois de seus defensores: Hermann Osthoff e Karl Brugman. Assim, a escola dos não-gramáticos ficou notória pela irreduzibilidade de seus dois princípios fundamentais: o princípio da regularidade da mudança (1) e o do condicionamento da mudança fonológica somente por fatores fonéticos, e nunca por fatores gramaticais ou semânticos (2). Os efeitos dos princípios não-gramáticos, e em especial a marca do primeiro sobre a regularidade da mudança, estão presentes no estruturalismo saussureano na Europa; no estruturalismo americano de Bloomfield (1933) e de Hockett (1958), bem como nas várias tentativas de se aplicar fonologia gerativa à lingüística histórica (Cf. Postal, 1968; King, 1969 e Kiparsky, 1971).

O segundo modelo somente apareceu muito mais tarde; de fato, na época da resolução da controvérsia, somente doze anos haviam decorrido desde seu primeiro manifesto: W. S-Y. Wang, 1969, "Competing changes as a cause of residue". Neste texto Wang propõe que sejam descartados o empréstimo lingüístico e a analogia como únicas possibilidades de explicação das exceções no processo de mudança fonológica, e que, ao contrário, se considere a atuação simultânea de duas regras numa relação sangrenta (ou seja, as exceções e as irregularidades seriam explicadas através da competição de duas mudanças fonológicas regulares, e não pela confrontação entre uma mudança fonológica e a analogia). Tal modelo é conhecido na literatura como "difusão lexical". A posição mais radical dos defensores da difusão lexical é colocada, entretanto, não nesse texto de 1969, mas em um outro artigo de 1977 do próprio Wang em co-autoria com C-C. Cheng, intitulado "Implementation of phonological change: The Shuang-Feng case". Nesse texto, ao contrário da corrente não-gramática, segundo a qual a mudança fonológica é foneticamente gradual, mas lexicalmente abrupta, Wang e Cheng propõem que a mudança é foneticamente abrupta e lexicalmente gradual: ou seja, cada palavra tem (ou pode ter) sua própria história. Segundo Labov (1981, p. 269),

"the traditional calm acceptance of the regularity of sound change can be maintained only by ignoring these linguists, together with their results. If we are not willing to do that, then (...) we will be faced with the massive opposition of two bodies of evidence: both are right, but both cannot be right."

Grande parte do texto de Labov é utilizada para eviden-

ciar a presença dos pressupostos não-gramáticos em inúmeros casos de mudança fonológica em curso, atestados nas comunidades de Nova Iorque, Detroit, Rochester, Buffalo, Chicago, Atlanta, Londres, Birmingham, Norwich, Cardiff, Glasgow, Edinburgo e Belfast. Em todas essas comunidades, as mudanças fonológicas em curso na fala corrente, de tipo: anteriorização, posteriorização, alçamento, abaixamento, arredondamento, desarredondamento e nasalização, apresentam-se regularmente condicionadas por fatores estritamente fonéticos. Assim, tais mudanças ecoam os pressupostos da segunda metade do século passado em três pontos principais:

1. as palavras de todas as classes são igualmente afetadas pela mudança em curso (Cf. p. 277:

"We have never found it necessary to mark certain members of a word class as lexical exceptions. This holds for several dozen sound changes in process studied over many speech communities.";

2. as mudanças parecem ser graduais, embora seja difícil atestar a ausência de descontinuidades (Cf. p. 277:

"every effort we have made to find discontinuities, where we most expected them, has failed.";

3. as mudanças apresentam os mais diversos e detalhados tipos de condicionamento fonético, com nenhuma indicação de restrições gramaticais.

Uma variável fonológica, no entanto, cujo processo de mudança data do século X, revela, para a comunidade de fala da Filadélfia, além dos condicionamentos fonéticos de natureza não-gramática, casos de difusão lexical: a anteriorização e o alçamento da vogal (æ). Labov refere-se a essa oposição em termos de relaxamento ("lax"; estágio anterior à mudança) e retesamento ("tense"; estágio posterior). Comparando os sistemas fonológicos da Filadélfia e da cidade de Nova Iorque, Labov demonstra que as oclusivas sonoras, quando imediatamente posteriores ao segmento variável, favorecem a mudança no sistema novaiorquino; na Filadélfia, porém, oclusivas sonoras desfavorecem a mudança, com três únicas exceções: "mad", "bad", "glad", que são sempre tensas. Con

forme argumentação do autor, tal difusão dos adjetivos não seria problemática do ponto-de-vista não-gramático uma vez que se poderia formular uma regra para dar conta de três adjetivos que compartilham o traço semântico de "afeição", "estado interior". Tal explicação não pôde ser viabilizada, entretanto, dada a presença no sistema do adjetivo "sad", que compartilha o mesmo traço semântico dos três primeiros, e que é invariavelmente "lax". Retomando o texto de Labov (p. 286):

"We must therefore concede that not all sound change in Philadelphia is Neogrammarian: one such process, at least in the past, did not share the Neogrammarian syndrome."

Assim, essa mudança fonológica, que Labov trata como a luta entre dois fonemas (isto é, um caso de "lexical split"), configura-se como um exemplo clássico de difusão lexical; outras mudanças fonológicas presentes no sistema da Filadélfia são, ao contrário, exemplos claros de mudança fonológica não-gramática. Na tabela 11 de Labov, que retomamos aqui como Tabela 1, o autor apresenta o contraste entre as mudanças no sistema fonológico da Filadélfia com e sem difusão lexical.

Tabela 1

	(ohr), (oy), (ay) (uw), (ow)	/æ/ - /æh/
discrete	no	yes
phonetic conditioning	fine	rough
lexical exceptions	no	yes
grammatical conditioning	no	yes
social affect	yes	no
predictable	yes	no
learnable	yes	no
categorized	no	yes
dictionary entries	1	2
lexical diffusion: past	no	yes
present	no	yes

Em si só a Tabela 1 apresenta resultados extremamente interessantes sobre as possíveis polarizações que a mudança fonológica pode sofrer. Observe-se que a oposição entre NO e YES, FINE e ROUGH, 1 e 2 nada mais é do que a "parametrização da mudança: ou seja, uma mudança fonológica pode ou não ter condicionamento gramatical; pode ou não ser previsível; pode ou não ter exceções a nível de léxico, e assim por diante. Tais resultados, embora "parametrizáveis", ainda são amplos demais para a argumentação que desenvolvemos no presente ensaio. Um outro resultado, posto que menor, tem um alcance maior em relação à possibilidade de se "parametrizar" o resultado sociolinguístico. Vejamos!

À página 297 Labov coloca, segundo ele próprio, a maior e mais importante questão:

"where in general can we expect to find lexical diffusion, and where can we expect Neogrammarian regularity?".

Ou seja, há alguma maneira de se prever quando e onde a mudança fonológica seguirá um curso regular, à la neo-gramáticos, sem re distribuição lexical? O que se tem feito em linguística histórica nos últimos anos que tenha capitalizado conhecimento suficiente para se responder a essas questões? Não muito, mas o bastante para se haver atestado que:

1. as mudanças fonológicas regulares ocorrem, via de regra, em casos que representam movimentos dentro do sub-sistema de vogais curtas, ou no sub-sistema de ditongações crescentes e de crescentes, ou seja: movimentos regulares de alçamento, de abaixamento, de anteriorização, de posteriorização, de arredondamento, de desarredondamento, e de nasalização; e
2. os alongamentos e os abreviamentos de vogais, em geral configuram casos de difusão lexical.

Em suma: conforme a tabela 2 a seguir demonstra, tanto para mudanças de vogais como para consoantes, o conhecimento capitalizado pelos novos caminhos da linguística histórica permite a previsão e a "parametrização" de processos de mudança fonológica.

Tabela 2

	No lexical conditioning reported	Lexical conditioning reported
Vowel shifts		
- within subsystems	4	1
- diphthongization and monophthongization	3	1
- lengthening and shortening	0	7
Consonant shifts		
- change of manner	4	0
- change of place	5	2

FONTE: Labov, p. 303 (Table 12).

São leituras dessa ordem e dessa natureza⁴ que faremos nas duas partes seguintes a partir de resultados obtidos através de análises de variação fonológica e sintática em três línguas românicas: o francês, o espanhol e o português.

2. VARIÁVEIS FONOLÓGICAS NO GRUPO ROMÂNICO

É enorme a quantidade de textos que tratam de variação fonológica nas três línguas. Em sua grande maioria tais estudos concentram-se na interação sistemática entre processos fonológicos e gramaticais, ou seja: até que ponto a perda de um segmento desencadeia uma re-estruturação da gramática. Para os propósitos da presente discussão sobre variáveis fonológicas no grupo românico foram selecionados três textos para cada uma das três línguas: para o espanhol, Poplack (1981); Myhill, Flores, Tarallo (1983); Morales (1981); para o francês, Morin (1981); Ameringen e Cadergren (1981); Cedergren, Clermont, Cote (1981); e, finalmente, para o português do Brasil, Votre (1981); Scherre (1981), Gryner e Macedo (1981).⁵

Iniciemos pelo espanhol! Poplack (1981) examina duas variáveis do sistema portorriquenho, (s) e (n), que estruturalmente se encaixam dentro da tendência de erosão das consoantes fi-

nais no espanhol e nas demais línguas românicas e cuja instabilidade entre presença e apagamento ao nível fonológico penetra os domínios sintáticos (ie. os segmentos participam de regras de concordância) e funcionais (ie. (s) e (n) marcam a pluralidade do sujeito da sentença). A grande questão colocada nesse estudo (e que ecoará uniformemente nos demais textos selecionados para a discussão) gira em torno do peso que os fatores gramaticais e funcionais têm na resolução das variáveis fonológicas. Poplack sugere três caminhos, que já haviam sido propostos em um outro trabalho seu de 1979, a saber:

1. *"the phonological processes proceed independently of semantic and syntactic considerations";*
2. *"these processes tend to be blocked, at least in a quantitative sense, in those morphological, syntactic or lexical contexts where their operation would threaten to weaken or eliminate from the surface structure morphological distinctions which may carry semantically relevant, ie. representational, information",*

e

3. *"the outcomes of phonological processes are constrained, at least quantitatively, to conform with the structural, non-informational (ie. syntactic as opposed to semantic) patterns of the language." (p. 59)*

Assim, o trabalho de Poplack busca evidências para a resolução do impasse entre fonologia, gramática e função, e é dessa resolução que deverá emergir nossa leitura "paramétrica" dos resultados obtidos. Vejamos! Poplack, ao tratar do processo variável de enfraquecimento e apagamento de (s), o faz em duas etapas: (s) → (h), e (h) → (β). Na primeira etapa da regra, no enfraquecimento via aspiração, a força dos fatores estruturais é soberana: em especial, o papel desempenhado pelo condicionamento fonológico posterior ao segmento variável; os fatores funcionais, por sua vez, tais como: tipo de informação disambiguadora, posição da palavra no sintagma nominal, e número de marcas de pluralidade precedentes, não têm nenhum peso na resolução da variação entre (s) e (h). Consulte-se a Tabela 1 de Poplack (p. 60). A segunda etapa da regra, o total apagamento do segmento, deveria, em princípio e por definição, revelar o fortalecimento dos fatores funcionais e a neutralização dos efeitos causados pelos fatores

estruturais no processo de aspiração. De fato, os fatores funcionais, entendidos como outras marcas de pluralidade (morfológicas, sintáticas e/ou semânticas, ou uma combinação de várias delas) que não a flexão de (s), favorecem o apagamento. Surpreendentemente, no entanto, os fatores puramente estruturais continuam a agir sobre o apagamento, dividindo com os fatores funcionais a resolução da variação. Consulte-se a Tabela 2, p. 61.

Os resultados obtidos por Poplack sobre a variação fonológica de (s) no espanhol portorriquenho apontam, pois, para a seguinte "parametrização": o simples enfraquecimento de segmentos consonantais em variação é, via de regra, regido por fatores puramente estruturais, e, ao se iniciar o processo de apagamento, tais fatores estruturais começam a interagir com fatores de outra ordem, os funcionais. Tal "parametrização" permite, ainda, uma terceira colocação (ou previsão): no caso de um segmento que apresente mais de uma etapa de enfraquecimento (diferentemente, pois, de (s) que prevê somente uma: a aspiração), a força dos fatores funcionais poderia ser traçada à medida que os vários processos de enfraquecimento dirigem o segmento variável ao total apagamento. É o que Poplack nos demonstra a partir de uma análise de (n).

A variável (n), segundo Poplack, passa por estágios sucessivos de enfraquecimento: velarização, vocalização, e, por fim, apagamento. No primeiro estágio, na velarização, o condicionamento fonológico posterior tem o peso mais significativo no desencadeamento da variante velar de (n). O paralelo, portanto, a (h) em relação a (s) é perfeito. Na segunda etapa da regra, na vocalização, o condicionamento estrutural mantém seu peso, apenas com uma reversão entre o papel desempenhado pela consoante e pela vogal seguintes, mas os fatores funcionais têm um papel sensivelmente mais significativo do que no estágio anterior da velarização. Na última etapa, no apagamento, o peso dos fatores estruturais é totalmente neutralizado: dois fatores somente resolvem o processo de variação e mais, os dois são de natureza funcional. Assim, Poplack conclui:

"These results demonstrate far more clearly than in the case of (s) how non-phonological factors come into play to constrain deletion of inflections. I have shown how the effects of these cross-cutting functional and structural factors increase in a linear progression towards total deletion. From contributing only a small effect to the

process of velarization, the role of these factors augments along the path towards total deletion until they constitute the only constraints on this process." (p. 65)

Tomemos agora o texto de Morales (1981) sobre a velarização e o apagamento de (n), em posição interna e final de palavra, no espanhol portorriquenho da cidade de San Juan, Porto Rico. A leitura dos resultados obtidos nesse estudo permite concluir que, em relação a outros dialetos do espanhol, o processo de velarização de nasal, especialmente em posição interna, é muito incipiente. Favorecem a velarização e o total apagamento do segmento os seguintes contextos, aqui colocados em ordem decrescente: pausa, vogal, e consoante. Apesar de incipiente, o processo de velarização está sensivelmente mais adiantado que o de cancelamento. O contexto fonológico pré-consonantal favorece, inversamente, uma terceira variante, a assimilação, que é norma no espanhol padrão (Cf. p. 105).

O estudo de Morales permite, ainda, uma leitura "parametrizada" dos efeitos do contexto pré-consonantal às variantes velarizadas e canceladas. De forma geral, os resultados já apontam para uma organização do sistema: o contexto pré-consonantal favorece a assimilação enquanto os contextos pré-pausa e pré-vocálico desencadeiam a velarização e o apagamento do segmento variável. Vejamos, porém, o detalhamento do contexto pré-consonantal em relação à velarização e o apagamento.

Tabela 3: Condicionamento do contexto consonantal seguinte à velarização e ao apagamento de (n) em posição interna e final de palavra

	VELARIZAÇÃO		APAGAMENTO	
	interna	final	interna	final
+ surda		+ surda	+ surda	+ surda
+ oclusiva		+ oclusiva	+ fricativa	+ oclusiva

FONTE: Morales, 1981, p. 108, 110 e 111.

Ou seja: embora o contexto pré-consonantal tenha o menor peso no condicionamento das variantes velarizadas e canceladas, sua pequena e incipiente atuação acontece de maneira absolutamente coe

sa e coerente. Observe-se que o papel desempenhado pelas surdas é fatalístico, tanto em relação às velarizações internas e finais, quanto aos apagamentos internos e finais. O modo de articulação da consoante seguinte também atua de maneira sistemática, excetuando-se o apagamento interno. Tal resultado, porém, nos permite prever que, no momento de nivelamento de modo de articulação enquanto fator condicionador à resolução da variação em pauta, o ponto de referência será muito provavelmente a oclusão: isto é, as oclusivas neutralizarão o peso das fricativas no condicionamento ao apagamento no interior das palavras.

Um outro exemplo de nivelamento de efeito de fatores condicionadores, este ao nível de re-estruturação morfológica causada por erosão consonantal, procede do texto de Myhill, Flores e Tarallo (1983). Tomando como base os resultados sobre a simplificação de encontros consonantais em inglês que previram um maior cancelamento das variantes (t,d) em palavras monomorfêmicas (Cf. Guy, 1980), e as previsões do grupo românico com apagamento de (s) mais freqüente em palavras bimorfêmicas (Cf. Poplack, 1979, entre outros), os três autores empreenderam uma busca de um fator que desse conta do cancelamento mais alto em palavras bimorfêmicas no espanhol portorriquenho de tal maneira a explorar

"how such a process might be predicted as a way of compensating for information loss caused by the erosion of the final consonant"
(p. 898).

Tal busca foi, em parte, motivada por dois pontos levantados no trabalho de Poplack (1979): primeiramente, o sistema de marcação de número no francês antigo e moderno; e, segundo, casos de re-atribuição de gênero ("gender reassignment"), relatados por Poplack (1979, p. 91-2). E o resultado não poderia ter sido diferente: as tabelas 4 e 5 a seguir (tabelas de nº 1 e 2 no estudo original, p. 900) demonstram que o apagamento de (s) é sensivelmente mais freqüente no masculino, tanto para os determinantes (Tabela 4) quanto para os nomes (Tabela 5), confirmando assim que (o) nos determinantes masculinos "los", "estos", "unos" e "aquellos" está em processo de re-estruturação morfológica como o grande candidato a marcador/indicador de pluralidade.

Tabela 4: Frequência de apagamento de (s) em determinantes

	Masculino	Feminino	Total
s/h	216	167	383
Ø	53	24	77
Total	269	191	460
Apagamento (%)	19,7%	12,5%	16,7%

Tabela 5: Frequência de apagamento de (s) em nomes

	Masculino	Feminino	Total
s/h	149	169	318
Ø	452	217	669
Total	601	386	987
Apagamento (%)	75,2%	56,2%	67,8%

Caso semelhante de re-estruturação morfológica motivada por processos de erosão consonantal é o relatado por Morin (1981) sobre os (s)s finais do francês antigo. Morin situa o processo de abrandamento e conseqüente cancelamento de (s), de (s) a (x), (h), e (0), no francês do século XI, listando os fatores condicionadores estruturais que teriam desencadeado a erosão paulatina: o contexto fonológico posterior e anterior e o papel da tonicidade da sílaba. Mais importante e mais interessante do ponto-de-vista "paramétrico" são, na análise de Morin, os três reflexos que a erosão do (s) provoca no sistema francês, a exemplo, portanto, do que vimos acontecer no espanhol portorriquenho através dos resultados apresentados por Myhill, Flores e Tarallo (1983): a) o alongamento das vogais precedentes; b) o truncamento de consoantes e c) a liaison em sandhi, como candidata ao papel de marcadora/indicadora de pluralidade:

"L'évolution des longueurs et de la troncation est très irrégulière selon les dialectes. Par contre, la liaison en s semble avoir un comportement plus uniforme: elle disparaît souvent lorsqu'elle n'est pas fonctionnelle, sinon elle est fréquemment réanalysée comme un préfixe du pluriel."
(p. 45)

Ameringen e Cedergren (1981) fazem, por sua vez, algumas observações sobre a liaison no francês canadense. Tomando por base o trabalho de Selkirk (1972) sobre as fronteiras de categorias como desencadeadoras e/ou inibidoras de liaison, Ameringen e Cedergren fazem um levantamento detalhado de categorias menores e maiores e a possibilidade de efetivação de liaison. Nos morfemas de categoria menor, mais especificamente em relação às preposições, os resultados apontam para uma diferença sensível entre o comportamento de "dans", "sans", e "chez" de um lado, e de "en", de outro. Contrariamente às três primeiras preposições que desencadeiam a liaison variavelmente entre 10,3%, 50,0% e 100,0%, a preposição "en" é categórica (99,0%) na neutralização da fronteira (consulte-se Tableau 1 no texto original, p. 142). A explicação novamente recai sobre os processos de re-estruturação morfológica; neste caso específico, uma descrição mais adequada ao comportamento da preposição "en" seria "um processo de re-análise morfológica":

"Le fait que en présente des liaisons obligatoires pourrait suggérer une réanalyse de la préposition en comme Prep + Art contracté. En français québécois l'article fait la liaison de façon obligatoire avec le mot suivant."
(p. 147)

Cedergren, Clermont e Cote (1981) fazem um estudo sobre a ditongação de (o) e de (eu) seguido de /r/ no francês canadense e sobre sua evolução histórica no sistema. Levando-se em conta somente os fatores de natureza estrutural, o "parâmetro" da variação e da mudança fonológica nas línguas românicas novamente emerge: assim como a tonicidade tinha sido parcialmente responsável pela aspiração e apagamento de (s) no espanhol portorriquenho (Cf. Poplack, 1981) e pelo abrandamento e posterior cancelamento de (s) no francês antigo (Cf. Morin, 1981), também a ditongação de (o) e de (eu) aparecem fortemente condicionadas pela tonicidade da sílaba em que se encontra a variável (consultem-se os Tableaux 1 e 2 do texto original, p. 174). Assim também, o papel dos segmentos consonantais surdos havia sido imperativo nos processos de velarização e de apagamento de (n) no espanhol portorriquenho de San Juan (Cf. Morales, 1981): neste caso, com a mesma força e medida, são os segmentos consonantais surdos que mais favoravelmente desencadeiam a ditongação de (o).

Ao serem colocados os textos sobre variação e mudança fo

nológicas ocorridas no português brasileiro na mesma perspectiva "paramétrica", novas e importantes correlações surgirão. Por exemplo, os resultados apresentados por Votre (1981) sobre o processo de desnasalização no português carioca demonstram uma nítida separação entre a retenção de nasais em nomes e verbos, ou seja, entre palavras monomorfêmicas e bimorfêmicas. Tal distinção que Poplack (1979 e 1981) havia reputado como evidência contra uma versão forte da hipótese funcionalista sobre a variação e a mudança fonológicas, também havia marcado a evolução da erosão de (s) no francês (Cf. Morin, 1981, p. 45: "*Nous avons vu que dans tout les cas le comportement de ces réflexes a été différent selon qu'il était associé au nombre ou non.*"). Na questão de apagamento ou retenção de (r) no português brasileiro, Oliveira (1981) argumenta, e efetivamente o demonstra, que a diferenciação entre nomes e verbos é condição "sine qua non" para um total entendimento dos processos de variação e mudança fonológicas no português brasileiro, e eu o diria, por extensão, do grupo românico. Também nessa mesma perspectiva de separação de classes morfológicas em função da variação fonológica está o trabalho de Scherre (1981) sobre a variação da regra de concordância de número no sintagma nominal em português. Os resultados obtidos por Scherre apontam para uma nítida correlação entre tipo de pluralidade (metafonia, alteração fonológica após a inserção de (s), para citar apenas dois dos cinco sub-fatores considerados na análise) e maior ou menor frequência de erosão do (s) plural. As palavras consideradas são, portanto, bimorfêmicas e apresentam uma maior retenção de (s) na medida em que a saliência fônica do plural é mais alta:

"D'une manière générale, nous pouvons conclure que, plus le contraste morphologique entre le singulier et le pluriel est grand, plus la règle s'applique et, plus il est petit, moins elle s'applique." (p. 127)

E para finalizar, o estudo de Gryner e Macedo (1981) sobre a pronúncia do (s) pós-vocálico em português apresenta resultados diretamente "parametrizáveis" aos apresentados por Morales (1981) sobre a velarização e o apagamento de (n) no espanhol por torriquenho de San Juan. Ao tratarem do condicionamento fonológico posterior nas diversas etapas de implementação da regra de cancelamento, Gryner e Macedo comprovaram novamente o papel dos segmentos surdos no desencadeamento da primeira fase: a palatiza

ção. Assim, somente na terceira e quarta etapas, na aspiração e no total apagamento do (s) pós-vocálico, os segmentos sonoros têm um papel decisivo, conforme a tabela abaixo.

Tabela 6

	surdas	sonoras -soantes	soantes
alveolar	.58	.53	.40
palatal	.68	.46	.35
aspirado	.16	.58	.80
cancelado	.22	.59	.71

FONTE: Gryner e Macedo, 1981 (Tableaux 3), p. 137.

Sobre o grupo românico especialmente, outros tantos e mais "parâmetros" de variação e de mudança fonológicas poderiam ser aqui levantados: a literatura românica de feitiço variacionista é vasta se se considerar a juventude do modelo. Não nos cabe, no entanto, por problemas de espaço e de foco, rever toda essa bibliografia. Basta-nos simplesmente manter em mente, ao lermos os inúmeros trabalhos com seu detalhamento sobre sub-fatores condicionadores de variação e de mudança fonológicas, que por detrás dessa precisão estatística há uma dimensão maior a ser percebida: as pistas que mais frequentemente justificam o encaminhamento de um sistema variável e mutante para uma e não outra direção. Mas passemos agora a um levantamento sobre as variáveis sintáticas que têm sido comumente examinadas no grupo românico de línguas.

3. VARIÁVEIS SINTÁTICAS NO GRUPO ROMÂNICO

No caso de variáveis sintáticas, apesar de o número de estudos ficarem aquém dos sobre a variação e a mudança fonológicas, o paralelo entre os avanços da teoria da variação e o modelo sintático paramétrico é mais transparente. Vários trabalhos poderiam ser aqui citados: a sintaxe dos pronomes acusativos em português (Omena, 1981; Tarallo, 1985; Duarte, 1986) comparada aos pronomes em espanhol (Corvalán, 1981); a questão dos movimentos sintáticos na derivação de relativas (Tarallo, 1983; Mollica,

1981) e de interrogativas (Lefebvre, 1981); a sintaxe dos sujeitos nulos (Laberge e Sankoff, 1978; Naro, 1981; Lira, 1982; Naro, Fernandes e Severo, 1984; Kato e Tarallo, 1986), entre tantos outros. Para fins de discussão nessa segunda parte do presente ensaio, tomaremos como base para reflexão três estudos, um para cada uma das três línguas, que empreendem uma análise variacionista sobre a segunda propriedade do parâmetro do sujeito nulo: a inversão livre de sujeito.

Das três línguas aqui examinadas, uma delas, o francês, não se caracteriza por ser pro-drop. Ou seja, a impossibilidade de sujeito nulo em francês prevê também a não-inversão livre de sujeito. Contrariamente, e por definição do parâmetro sintático, o espanhol e o português, ao apresentarem sujeitos nulos, prevêem a inversão livre de sujeito. Veremos a seguir que nas três línguas a inversão se dá, não de forma casuística e aleatória, e sim, condicionada a determinados fatores que recorrem, de certa maneira, nos três sistemas. Será o francês, por conseguinte, um sistema tão pro-drop quanto o espanhol e o português? Ou serão o espanhol e o português menos pro-drop do que se tem atestado? Ou ainda: até que ponto os resultados obtidos pela pesquisa variacionista permitem uma re-definição do parâmetro e um realinhamento de suas propriedades? É o que veremos a seguir.

Dubuisson (1981) demonstra em seu trabalho que

"l'ordre des mots que l'on considère comme fixe en français moderne, surtout pour le sujet et l'objet, présente en fait un certain nombre de variations." (p. 385)

Assim, as sentenças (1) e (2) abaixo (no texto original, sentenças (3) e (4), p. 379) exemplificam a gramaticalidade da ordem VS, contraposta à agramaticalidade de VS em (3) e (4) (no original, sentenças (6) e (7), à mesma página):

- (1) Au bout de la rue brille une lumière.
- (2) Sont tenus de présenter un billet d'excuse au professeur tous les enfants qui ont été absents de l'école plus d'une demi-journée.
- (3) *Brille une lumière.
- (4) *Sont tenus de présenter un billet d'excuse au professeur tous les enfants.

(Dubuisson, 1981, p.379)

Para tratar da gramaticalidade de (1) e (2) e da agramaticalidade de (3) e (4), Dubuisson estabelece uma diferença entre inversão (sentenças (1) e (3)) e posposição de sujeito (sentenças (2) e (4)).⁶ Mais ainda: a regra de inversão de sujeito é explicada através de uma transformação gramatical, sujeita à noção de preservação de estrutura como condição à aplicação da regra, ao passo que a posposição de sujeito é caracterizada por uma transformação estilística. Regem a inversão de sujeito três fatos principais:

1. a presença obrigatória de um gatilho desencadeador ("un déclencheur", p. 381), na forma de uma palavra interrogativa ou de um advérbio;
2. a presença de um objeto direto, e
3. a presença de um complementizador.

Nenhum desses três fatores, obrigatórios para a ativação da regra de inversão de sujeito, afeta a posposição. Esta tem seu comportamento regulado pelo peso do sintagma nominal sujeito. Assim se explicam, pois, a gramaticalidade de (1) com a presença de um "declencheur" e de (3) com sujeito posposto pesado; igualmente, a agramaticalidade de (2) e de (4) é justificada pela ausência de gatilho e pelo sujeito não-pesado, respectivamente. Para a posposição do sujeito, Dubuisson projeta uma hierarquia de peso dos sintagmas nominais e um princípio que regula a gramaticalidade da posposição do sujeito, conforme a seguir:

"La lourdeur d'un constituant est fonction de sa complexité structurale. Il est possible, à titre d'essai, d'envisager une hiérarchie de lourdeur des SN du type (40):

(40) SN
 SN et SN
 SN de SN
 SN de SN de SN
 SN - P

Dans une suite de deux constituants qui ne sont pas dans une position habituelle l'un par rapport à l'autre, si ces deux constituants ne respectent pas l'échelle (40), le degré d'acceptabilité de la phrase est d'autant moindre que l'écart par rapport à (40) est grand. Par exemple une séquence

'SN de SN de SN' suivie de 'SN de SN' sera plus acceptable qu'une séquence 'SN - P' suivie de 'SN et SN'."

e mais adiante, o princípio:

"(42) Une phrase est d'autant moins acceptable qu'elle contient une séquence de constituants qui n'apparaissent pas dans un ordre de leur-deur croissante." (Dubuisson, 1981, p. 383-4)

Se compararmos os resultados obtidos por Dubuisson(1981) para o francês canadense com os resultados de Corvalón (1982) para o espanhol e de Lira (1986) para o português brasileiro, veremos a emergência de "parâmetros" fortes de correlação entre as três línguas. Por exemplo, retomemos o segundo fator condicionador à regra de inversão de sujeito em francês: a presença de um objeto direto:

"L'inversion d'un SN sujet, soumise à la contrainte de préservation de structure, ne peut déplacer le sujet en position immédiatement post-verbale que dans le cas où cette position qui est celle de l'objet direct était vide préalablement." (p. 381, ênfase acrescida.)

Para o português Lira observou que a transitividade do verbo é um forte condicionador da ordem canônica SV, ou seja: somente 0,8% dos sujeitos pospostos em seu corpus acompanha um verbo transitivo direto, conforme a Tabela 7 a seguir:

Tabela 7: Type of Verb and Subject Position

Type of Verb	Postposed	Preposed	Total	% of postposed
Intransitive	302	1.129	1.431	21,0%
Transitive	5	641	646	0,8%
Copula	65	693	758	8,0%
Total	372	2.463	2.835	

FONTE: Lira, 1986 (Table 2), p. 19)

Similarmente, Corvalán demonstra para o espanhol que quanto maior o número de argumentos do verbo, menor a possibilidade de posposição do sujeito, conforme a Tabela 8 a seguir:

Tabela 8: Preverbal position of expressed subject, by number of arguments

	No. of expressed subjects in preverbal position	N	% of expressed subjects in preverbal position
One argument	55	120	46%
Two or more arguments	139	218	64%
Totals	194	338	

FONTE: Corvalán, 1982 (Table 9), p. 110

O fator condicionador à regra de inversão de sujeito em francês, descrito por Dubuisson como presença obrigatória de um "declencheur", re-aparece nos dados do espanhol analisados por Corvalán e, segundo nossa leitura, deve também ser "parametrizável". Isto é, também em espanhol a presença de um advérbio em posição pré-verbal e inicial de sentença sensivelmente favorece a posposição do sujeito, conforme a Tabela 9 a seguir o demonstra:

Tabela 9: Placement of expressed subject, by position of adverb

	No. of expressed subjects in postverbal position	N	% of expressed subjects in postverbal position
Initial adverb	39	46	85%
Postverbal	13	36	36%
No adverb	90	251	36%
Totals	142	333	

FONTE: Corvalán, 1982 (Table 10), p. 112.

E finalmente, retomemos a hierarquia de peso do sintagma nominal, adiantada por Dubuisson (1981, p. 384), em função do fator "subject structure" considerado por Lira (1986, p. 23). Segundo Dubuisson, conforme havíamos visto, quanto mais pesado o sintagma nominal sujeito, maior a possibilidade de ele ser posposto: dito de maneira mais categórica, a posposição do sujeito

no francês canadense, enquanto transformação estilística, sô é viabilizada com sujeitos pesados estruturalmente. Similarmente, Lira demonstra para o português brasileiro o mesmo tipo de condicionamento à posposição do sujeito. Assim, em ordem decrescente, o sujeito posposto em português obedece à seguinte escala: sujeitos compostos; (Det) + (N) + (Adj) + (PP); (Det) + Proper N; e, por último, (Det) + Possessives + N, conforme a Tabela 10 a seguir.

Tabela 10: Subject Structure and Subject Postposition

FACTORS	N	%	Prob.
Conjoined Subjects	87	39%	.69
(Det) + (N) + (Adj) + (PP)	1.137	23%	.51
(Det) + Proper N	295	6%	.31
(Det) + Possessives + N	263	4%	.22

FONTE: Lira, 1986 (Table 5), p. 24.

Isto posto - que as três línguas são "parametrizáveis" ao não privilegiarem a posposição do sujeito com verbos transitivos; que a ordem VS, tanto em espanhol como em francês, é condicionada à presença de um gatilho desencadeador em posição pré-verbal; e que o peso do sintagma nominal sujeito restringe a posposição tanto em francês como em português -, retornamos às questões levantadas no início da presente seção: Será o francês um sistema tão pro-drop quanto o espanhol e o português? Serão o espanhol e o português menos pro-drop do que se pensa? "Nenhuma das anteriores"! Se as quatro propriedades arroladas na definição do parâmetro pro-drop de fato interagem entre si, há que se manter uma diferença entre o francês de um lado, por se caracterizar pela proibição de sujeito nulo, e o espanhol e o português de outro, precisamente por permitirem sujeito fonologicamente não expresso. Por outro lado, o modelo paramétrico de sintaxe prevê a interação de princípios (não de regras) e de sub-teorias e produz análises que procuram resgatar a variação lingüística inter-sistêmica: pro-drop e não pro-drop, por exemplo. Nesse sentido, as línguas são encaixadas dentro de determinados parâmetros: uma língua pro-drop, segundo o parâmetro pro-drop, apresentará e terá tais e tais e que tais propriedades.

Ao "parametrizarmos" as línguas do ponto-de-vista da

teoria da variação e da mudança, estamos na realidade colocando os fatores condicionadores à aplicação de determinadas regras locais dentro de uma perspectiva "paramétrica". Assim, é-nos bastante interessante que para as três línguas consideradas a transitividade do verbo se caracteriza como um forte condicionadora da posposição do sujeito. Obviamente, esse mesmo fator poderá receber uma explicitação diferenciada dentro da sintaxe paramétrica, por exemplo, a intervenção dos papéis temáticos. Uma análise, entretanto, não inviabiliza a outra. Muito pelo contrário: somente uma leitura "parametrizada", tal qual a propusemos, dos fatores condicionadores levantados pela teoria da variação e da mudança garantirá, entre outras coisas, uma eventual re-definição e um possível realinhamento das propriedades previstas para determinar o parâmetro sintático. Mais ainda: tal leitura predirá que, se o francês vier a se "pro-dropizar", os mesmos fatores que regem, por exemplo, a posposição do sujeito em espanhol e em português, muito provavelmente regerão a mesma variável no sistema francês. Igualmente, se o espanhol e o português vierem a se "despro-dropizar",⁷ muito provavelmente a transitividade do verbo, a presença de um "declencheur", o peso do sintagma nominal sujeito, e a presença de um complementizador serão os últimos ambientes a ativar tal processo de mudança: ou seja, muito provavelmente, tais ambientes colocarão em dúvida, uma vez definitivamente implementada a mudança, a natureza não pro-drop dessas línguas.

4. PARÂMETROS E "PARÂMETROS": A SINTAXE E A VARIAÇÃO/MUDANÇA

O leve e o pesado; o quente e o frio; a luz e a obscuridade: o universo e o sentido das coisas divididos em duplas de contrários. Contrários que, no entanto, se justificam, se explicam e se completam. Dissemos, no início do presente ensaio, que, ao promover a investigação da variação lingüística inter-sistêmica, a sintaxe paramétrica não é pioneira. Tampouco é pioneira a leitura "paramétrica" que fizemos dos resultados obtidos pela teoria da variação e da mudança lingüísticas: Labov (1981), ao resolver a controvérsia dos não-gramáticos, ilustra o total alcance dessa empreitada. Pioneiro será, sim, o trabalho conjunto ativado pela aproximação dos contrários: sem romper fronteiras e confundir domínios; enfim, colher os produtos das diferenças.

Com o risco de soar panfletário, e de ser mal-compreendido,⁸ retomo e mantenho minha posição colocada no papel em um

texto recente:

"Nossa posição foi a de compromisso, de meio termo, entre os dois movimentos. (...) Nossa maior intenção foi a desmistificação de alguns pré-conceitos (ou serão eles preconceitos?) correntes na lingüística atual: 1. que as análises de base empirista têm por motivação primordial falsear as análises de modelos psicológicos; 2. que as análises empiristas são incapazes de recuperar a sistematicidade na diversidade; 3. que análises empiristas e 'racionalistas' de um mesmo fenômeno não possam ser compatíveis entre si. Obviamente, o acréscimo de mais exemplos, facilmente encontráveis na literatura de uma ou outra tendência, de outras proveniências, dependências, conseqüências e decorrências muito teria a contribuir à força do argumento apresentado." (Tarallo, 1986, p. 20).

E é exatamente isso que o presente ensaio pretendeu desenvolver.⁹

Notas

- * Este trabalho faz parte de um projeto financiado pelo Conselho de Ensino e Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (CEPE-PUC-SP). Pela leitura crítica desse e de outros trabalhos meus, dedico o presente artigo à minha colega, Eleonora Albano, da UNICAMP.
- 1 Ver, em particular, os capítulos 10 ("Case") e 11 ("Binding") para noções preliminares sobre o modelo de regência e vinculação.
- 2 Retiramos, propositadamente, do texto de Weinreich, Labov & Herzog (1968) o aspecto social do condicionamento, ao nível de fatores ("constraints"), de encaixamento ("embedding"), de avaliação ("evaluation"), de transição ("transition") e de implementação ("actuation"). O "retalhamento" do sujeito social em nada compromete a análise e a argumentação desenvolvidas no ensaio: Sankoff e Tarallo (1984) efetiva e cabalmente demonstram serem as diferenças percentuais os marcos definidores e delineadores de socioletos, ou seja: os fatores condicionadores de natureza estritamente lingüística recorrem em todos os grupos sócio-econômicos das amostras, diferenciando os "letos sociais" somente através de freqüências percentuais ou de probabilidades.

- 3 Ver, por exemplo, Sankoff e Tarallo (1984) e Kato e Tarallo (1986), dois trabalhos que se pautam por essa proposta.
- 4 Ver também como ilustração para esse tipo de leitura, Labov (1982): "The heterogeneous nature of the community raises the question of how this object can be circumscribed: what are the limits of the speech community to be described? The heterogeneity discussed so far is largely a feature of speech production. The community is defined on the level of interpretation; the obverse of heterogeneous speech production is homogeneity in the interpretation of the variants" (p. 18); e ainda, "But in the type of theory envisaged by Weinreich, Labov & Herzog, uniformity also proceeds from certain constant relations within the speech community, and the embedding of that community in a larger spatial and temporal matrix. There may be universals of language change, independent of historical conditions. Many theories of language change are devoted entirely to the search for them. But we will see that if such ahistorical generalizations exist, they are rare." (p. 21)
- 5 A escolha dos textos foi guiada por sua publicação em revistas especializadas e/ou anais de congressos. Não foram, pois, considerados: relatórios de projetos em andamento; teses e dissertações não publicadas e "hand-outs" resumitivos de comunicações apresentadas em congressos e encontros científicos. Estão sendo apresentados nos últimos encontros do congresso NWAWE (New Ways of Analyzing Variation in English): D. Schiffrin & R. Fasold (NWAWE, 1982); S. Ash & W. Labov (NWAWE, 1981 e 1984); e D. Sankoff (NWAWE, 1983).
- 6 Tal diferença não é, entretanto, estabelecida para os estudos sobre o espanhol e o português, incluídos na presente análise. Mantemos, porém, que tal diferenciação é básica à contribuição que os dados empíricos podem prestar ao realinhamento das propriedades paramétricas.
- 7 Em recentíssimo estudo publicado na revista Language, volume 62, nº 3, 1986, Hochberg demonstra que ao acelerado processo de erosão de (s) nas desinências verbais do espanhol portorriquenho corresponde um preenchimento maior do sujeito pronominal. Assim, nesse sentido o espanhol portorriquenho encontra-se mais próximo do sistema francês do que o espanhol cateleño, cuja parca erosão da sibilante não desencadeia o preenchimento do sujeito pronominal. Resultado semelhante é apresentado por Tarallo (1985) para o português brasileiro. Assim, o espanhol portorriquenho e o português brasileiro apresentam traços e propriedades que os aproximariam das línguas de tipo não-pro-drop.
- 8 Retomamos aqui um parágrafo de Osthoff e Brugman que não conseguiu, apesar de sua clareza, cercear as críticas ingênuas que perdurariam quase um século, e que seria finalmente apreciada 103 anos após, em Labov (1981): "We may also, however, here ask our several critics to keep in mind constantly the principles by which we have decided in favor of this or that assumption. In the last years people have unfortunately passed numerous unfavorable judgements on our movement or on some of the opinions advanced by this movement; they only prove that the judges in question have not considered at all what motives led us to follow just this method and no other. An understanding and agreement between the different movements in our science which are at present battling with each other can not be

brought about by such occasional skirmishings which skirt the basic questions and not by directing one's blame solely against details, but only by taking aim at the leading motives and principles. That is not to say, of course, that we, for our part, would not be heartily grateful for a detailed demonstration of mistakes and errors." (Osthoff e Brugman, 1878, p. 208).

- 9 Tenho quatro agradecimentos especiais a fazer: a Mary Kato, pelas longas conversas sobre a aproximação de linhas de pesquisa e, sobretudo, pelo trabalho conjunto que temos desenvolvido; a Charlotte Galvês, por viabilizar, em seus trabalhos, o encontro entre sintaxe e variação; a Milton do Nascimento, com quem, durante o IXº Instituto Brasileiro de Linguística em Curitiba, época em que escrevi a versão definitiva do ensaio, longamente conversei sobre a aproximação das duas linhas de pesquisa e de quem obtive a certeza de que tal encontro não só é possível, como está fadado a acontecer; e a Celso Ferreira, por sua leitura "não-lingüística" do original e por seu exclamativo "Faz sentido!". Erros e enganos que permanecem no ensaio, são de absoluta responsabilidade do autor.

Bibliografia

- AMERINGEN, A.V. & CEDERGREN, H.J. (1981). Observations sur la liaison en français de Montréal. In: D. Sankoff & H. Cedergren (eds.).
- BLOOMFIELD, L. (1933). Language. New York, Holt.
- BORER, H. (1983). Parametric Syntax. Case Studies in Semitic and Romance Languages. Dordrecht, Foris Publications.
- CEDERGREN, H.J.; CLERMONT, J. & COTE, F. (1981). Le facteurs temps et deux diphtongues du français montréalais. In: D. Sankoff & H. Cedergren (eds.), 1981.
- CHOMSKY, N. (1981). Lectures on Government and Binding. Dordrecht, Foris Publications.
- _____. (1982). Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding. Linguistic Inquiry Monograph 6. Cambridge, MIT Press.

- _____. (1986). Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use. New York, Praeger Publishers.
- _____ & LASNIK, H. (1977). Filters and control. In: Linguistic Inquiry, 8.
- CORVALÁN, C.S. (1981). Extending the sociolinguistic variable to syntax: The case of pleonastic clitics in Spanish. In: D. Sankoff & H. Cedergren (eds.), 1981.
- _____. (1982). Subject expression and placement in Mexican-American Spanish. In: J. Amastae & L. Elías-Olivares (eds.), 1982. Spanish in the United States. Sociolinguistic Aspects. Cambridge, Cambridge University Press.
- DUARTE, M.E.L. (1986). Variação e Sintaxe: Clítico acusativo, pronomes lexical e categoria vazia no português do Brasil. PUC-SP (Dissertação de Mestrado).
- DUBUISSON, C. (1981). L'inversion du SN sujet et la post-position du SN lourd en français. In: D. Sankoff & H. Cedergren (eds.), 1981.
- GRYNER, H. & MACEDO, A.T. de. (1981). La prononciation du s post-vocalique: deux processus de changement linguistique en portugais. In: D. Sankoff & H. Cedergren (eds.), 1981.
- GUY, G.R. (1980). Variation in the group and the individual: The case of final stop deletion. In: W. Labov (ed.), 1980. Locating language in time and space. New York, Academic Press.
- HOCKETT, Ch. (1958). A course in modern linguistics. New York, MacMillan.
- HUANG, C.-T.J. (1982). Logical Relations in Chinese and the Theory of Grammar. Stanford University, Doctoral Dissertation.
- JAEGGLI, O. (1982). Topics in Romance Syntax. Dordrecht, Foris Publications.

- _____. (1984). Subject Extraction and the Null Subject Parameter. In: C. Jones & P. Sells (eds.). Proceedings of NELS 14. Graduate Linguistic Student Association, University of Massachusetts at Amherst.
- KATO, M. & TARALLO, F. (1986). Anything YOU Can Do in Brazilian Portuguese. In: O. Jaeggli & C. S.-. Corvalãm (eds.). Studies in Romance Linguistics. Dordrecht, Foris Publications.
- KAYNE, R. (1981). On certain differences between French and English. In: Linguistic Inquiry, 12.
- KEAN, M.L. (1975). The Theory of Markedness in Generative Grammar. MIT, Doctoral Dissertation.
- KING, R. (1969). Historical linguistics and generative grammar. New York, Holt, Rinehart & Winston.
- KIPARSKY, P. (1971). Historical linguistics. A survey of linguistic science. Ed. by W. Dingwall. College Park, University of Maryland
- LABERGE, S. & SANKOFF, G. (1978). Anything YOU can do. In: T.Givón (ed.). Discourse and Syntax. New York, Academic Press.
- LABOV, W. (1982). Building on Empirical Foundations. In: W.P. Lehmann & Y. Malkiel (eds.). Perspectives on Historical Linguistics. Amsterdam/Philadelphia, Johns Benjamins B.V.
- _____. (1981) Resolving the neogrammarian controversy. In: Language 57, number 2.
- _____. (1975). On the use of the present to explain the past. Estratto de: Linguistics at the crossroads. Liviana Editrice, Jupiter Press.
- LEFEBVRE, C. (1981). The double structure of questions in French: A case of syntactic variation. In: D. Sankoff & H. Cedergren (eds.) 1981.
- LIRA, S.A. de (1982). Nominal, Pronominal and Zero Subject in Brazilian Portuguese. University of Pennsylvania, Doctoral Dissertation.

- _____. (1986). Subject postposition in Portuguese. In: D.E.L.T.A., vol. 2, nº 1.
- LOBATO, L.M.P. (1986). Sintaxe Gerativa do Português. Da Teoria Padrão à Teoria de Regência e Ligação. Belo Horizonte, Vigília.
- MOLLICA, M.C. (1981). La "copie" dans les constructions relatives en portugais. In: D. Sankoff & H. Cedergren (eds.), 1981.
- MORALES, H.L. (1981). Velarization of -/n/ in Puerto Rican Spanish. In: D. Sankoff & H. Cedergren (eds.), 1981.
- MORIN, Y.-C. (1981). Où sont passés les s finales de l'ancien français? In: D. Sankoff & H. Cedergren (eds.), 1981.
- MYHILL, J.; FLORES, L. & TARALLO, F. (1983). Competing Plural Markers in Puerto Rican Spanish. In: Linguistics, 21.
- NARO, A.J. (1981). Morphological constraints on subject deletion. In: D. Sankoff & H. Cedergren (eds.), 1981.
- NARO, A.J.; FERNANDES, E. & SEVERO, E.M.G. (1984). Uma mudança lingüística em curso: A concordância com o sujeito nós/a gente. In: M. Lemle & S. Votre (orgs.). Primeiro Encontro sobre Variação em Sintaxe. UFRJ, Faculdade de Letras.
- OLIVEIRA, M.A. de (1981). Reanálise de um problema de variação. In: Português: Estudos Lingüísticos, Série Estudos, Uberaba, Minas Gerais.
- OMENA, N. (1981) Pronom personnel de la troisième personne: ses formes variantes en fonction accusative. In: D. Sankoff & H. Cedergren (eds.), 1981.
- OSTHOFF, H. & BRUGMAN, K. (1878). Preface to Morphological Investigations in the Sphere of the Indo-European Languages I. In: W. Lehmann (ed.), 1967. A reader in nineteenth-century historical indo-european linguistics. Bloomington and London: Indiana University Press.
- POPLACK, Sh. (1979). Function and process in a variable phonology. University of Pennsylvania, Doctoral Dissertation.

- _____. (1981). Mortal phonemes as plural morphemes. In: D. Sankoff & H. Cedergren (eds.), 1981.
- POSTAL, P. (1968). Aspects of phonological theory. New York, Harper & Row.
- RADFORD, A. (1982). Transformational Syntax. Cambridge, Cambridge University Press.
- RIZZI, L. (1982). Issues in Italian Syntax. Dordrecht, Foris Publications.
- SAFIR, K. (1982). Syntactic Chains and the Definiteness Effect. MIT, Doctoral Dissertation.
- SANKOFF, D. & CEDERGREN, H.J. (eds.) (1981). Variation Omnibus. Edmonton, Linguistic Research.
- SANKOFF, G. & TARALLO, F. (1984). Relativization and anaphora in speech. Paper presented at the 14th NWAWE Meeting, University of Pennsylvania (no prelo).
- SCHERRE, M.M.P. (1981). La variation de la règle d'accord du nombre dans le syntagme nominal em portugais. In: D. Sankoff & H. Cedergren (eds.), 1981.
- SCHLEICHER, A. (1871). Compendium der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen. Weimar: Herman Böhlen.
- SELLS, P. (1985). Lectures on Contemporary Syntactic Theories: An introduction to government-binding theory, generalized phrase structure grammar, and lexical-functional grammar. Leland Stanford Junior University: Center for the Study of Language and Information.
- TARALLO, F. (1983). Relativization Strategies in Brazilian Portuguese. University of Pennsylvania, Doctoral Dissertation.
- _____. (1985). The filling of the gap: Pro-drop rules in Brazilian Portuguese. In: L.D. King & C.A. Maley (eds.). Selected Papers from the XIIIth Linguistic Symposium on Romance Languages. Amsterdam/Philadelphia, Johns Benjamins.

- TARALLO, F. (1986). "Era uma Vez...": Estória, História e Ahistória. In: O Histórico e o Discursivo. Série Estudos 12, Uberaba, Minas Gerais.
- TRAVIS, L. (1984). Parameters and Effects of Word Order Variation. MIT, Doctoral Dissertation.
- VOTRE, S. (1981). Phonological and syntactic aspects of denasalization in spoken Brazilian Portuguese. In: D. Sankoff & H. Cedergren (eds.), 1981.
- WANG, W.S.-Y. (1969). Competing sound changes as a cause of residue. In: Language, 45.
- . & CHENG, Ch-Cn. (1977). Implementation of phonological change: The Shuang-Feng Chinese case. In: W.S-Y. Wang (ed.). The lexicon in phonological change. The Hague, Mouton, 1977.
- WEINREICH, U.; LABOV, L. & HERZOG, M. (1968). Empirical foundations for a theory of language change. In: W.P. Lehmann & Y. Malkiel (eds.). Directions for historical linguistics. Austin, University of Texas Press.